

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
UMA CINEMATECA EM CHAMAS: HISTÓRIAS DE PROJEÇÃO E PROJECCIONISTAS
CARTA BRANCA AOS PROJECCIONISTAS DA CINEMATECA
7 e 12 de janeiro de 2026

THE PROJECTIONIST / 1970

Um filme de **Harry Hurwitz**

Realização, Argumento e Montagem: Harry Hurwitz/ Fotografia: Victor Petrashevic/ Música: Igo Kantor, Erma E. Levin/ Intérpretes: Chuck McCann (Chuck/Capitão Flash), Ina Balin (a rapariga), Rodney Dangerfield (Renaldi/ The Bat), Jara Kohout (o homem das guloseimas/Velho Cientista), Harry Hurwitz (Harry, o porteiro amigo), Robert Staats (locutor de televisão), Robert King (primeiro anunciante), Stephen Phillips (ministro), Clara Rosenthal (mulher louca).

Produção: Harry Hurwitz, para Fair Enterprises/ Cópia: MoMA (Nova Iorque), 35mm, cor e preto e branco, versão original legendada eletronicamente em português/ Duração: 84 minutos/ Primeira apresentação na Cinemateca: janeiro de 2001 (Ciclo "A Última Sessão")

Sessão de dia 12 apresentada por Samuel Andrade

Há surpresas felizes. Quem estiver aqui nesta sessão irá constatar a verdade disso. Antes de começarem a especular diga-se desde já que **The Projectionist** não é uma obra prima agora redescoberta. É uma paródia a modelos, fórmulas e imaginários criados pelo cinema mas, mesmo neste caso, não se pode comparar com a obra prima de Buster Keaton, **Sherlock Jr.** Contudo o filme de Hurwitz está percorrido por um tal prazer e ingenuidade que contamina tudo e todos, passando do ecrã para a plateia, e, neste caso, imitando o próprio filme na irresistível cena de abertura com o desenho animado de Robert McKimson com Gerald McBoing Boing. De certo modo, esta cena dá a tônica de todo o filme incluindo a sua vertente «modernista», isto é, a forma como explora a própria matéria em que está «impresso», à maneira da famosa cena final de **Persona** de Bergman. Esta é a primeira citação de um filme todo construído à volta delas, mas que tem a vantagem de esclarecer desde logo que a citação não é aleatória e feita apenas pelo gozo que pode dar a quem a pratica. Podemos recordar, para fazer melhor comparação, o filme de Carl Reiner **Dead Men Don't Wear Plaid/Ciente Morto Não Paga a Conta**, feito em 1982 em que o pastiche ao filme «negro» é a única razão para a colagem de segmentos de filmes clássicos à narrativa. Em **The Projectionist**, esta explica-se logo à partida pela profissão do personagem. Sendo projeccionista num cinema todos os acidentes técnicos se explicam, e as fantasias que tem e mesmo a «ilustração» das suas narrativas aos amigos tomam, inevitavelmente, as formas narrativas e visuais daquilo que faz parte do seu dia a dia e da sua vida: o cinema.

Regressemos à tal afirmação de «modernismo». O espectador do filme **The Projectionist** começa por ver uma parte de um desenho animado de Robert McKimson com o seu popular herói Gerald McBoing Boing (entre nós conhecido como o «Menino Buzina»). Pouco depois um movimento de câmara acaba por revelar-nos que o que vemos é um filme a ser projectado num ecrã numa sala de cinema que não é a nossa. O movimento,

e esta «revelação» provoca ainda o mesmo efeito de surpresa que dera um caso semelhante em que de novo intervêm um filme do mesmo McKimson e Boing Boing: refiro-me ao começo de **Sait-On Jamais/Uma Aventura em Veneza** de Roger Vadim. Mas o que acontece a seguir, isso é da ordem de **Persona**: o filme desquadra-se, parte-se e o ecrã fica em branco e uma pessoa menos avisada poderá julgar que o que aconteceu teve lugar na «nossa» cabine de projecção. Mesmo os protestos que se ouvem podiam ser os dos outros espectadores, se fossem em português! Os planos revelam, então, o interior de uma sala de cinema com os espectadores voltando-se para trás e protestando. Somos então levados à cabine e entramos em contacto com o nosso herói, ocupado em remediar os estragos. Tudo o que vai acontecer a seguir é a «ilustração», através de fantasias cinéfilas, do que o herói, interpretado por Chuck McCann (actor pouco conhecido que dois anos antes fora o irmão deficiente mental de Alan Arkin na adaptação de Robert Ellis Miller do romance de Carson McCullers **The Heart Is a Lonely Hunter/Coração Solitário**) vai ouvir, contar ou experimentar nas suas relações com os outros. Essa ilustração não é, porém, literal, assumindo, antes, uma característica burlesca (usando inclusive métodos do burlesco como o acelerado), e é nesta divergência que o efeito de ironia e paródia se manifesta. Por exemplo, uma notícia na rádio de uma agressão na rua fá-lo idealizar a sua transformação em «super-herói», mas o que vemos é exactamente a «negação» desse super-herói e a troça dos seus «métodos» de transformação (na cabine telefónica como Superman). Logo a seguir o encontro com a rapariga que ele conta ao amigo surge-nos com a «atmosfera» do filme romântico. Os seus «estados de alma» depressivos ou felizes «materializam-se» nos «trailers» de dois filmes imaginários «The Terrible World of Tomorrow» e «The Wonderful World of Tomorrow» e as desavenças com o gerente e a sua «ditadura» são ilustradas com cenas bélicas de luta contra a tirania e opressão recorrendo a montagem de documentos com Hitler, Mussolini, etc. Sendo um filme de 1970, isto é, já marcado pela contra-cultura dominante, o cinema «underground» e erótico também é convocado à esta «manifestação» com a montagem «Man and His Universe». E o fim do filme (referimo-nos ao de **The Projectionist!**) faz-se segundo a mesma lógica: a ponta que passa com os riscos e o ecrã branco.

É na montagem dessas «fantasias» que o divertimento de **The Projectionist** se manifesta em toda a sua dimensão, não só com a exploração de imagens de filmes famosos (de **Birth of a Nation** e **Intolerance** até **Rio Grande**, passando por **Gunga Din**, **The Maltese Falcon**, **Citizen Kane** e, obviamente, **Casablanca**, a que está destinada uma das mais divertidas cenas do filme) e de série B (os conhecedores identificarão **Earth Vs Flying Saucers/A Invasão dos Discos Voadores**, **It Came From Beneath the Sea/Octopus**, o serial **Flash Gordon**, de onde sai o «dragão» que ameaça o nosso capitão Flash), mas também com uma montagem que põe em confronto e relação os planos mais díspares. Neste caso a cena mais conseguida é a visita ao nosso bem conhecido «Rick's Café» com o nosso herói «comunicando» com Peter Lorre, Sidney Greenstreet e Bogart, de uma forma mais conseguida e significativa do que fará Carl Reiner no já referido **Dead Men Don't Wear Plaid**.

Manuel Cintra Ferreira